



Resenha: Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva

Mestre pelo Programa de Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), campus da Universidade Estadual do Ceará.

E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br

Coordenador do Laboratório de Práticas de Letramentos, Multimodalidade e Produção de Materiais Didáticos Digitais (LABLENDI, 2016)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0073-5632>

Resenha da obra de:

BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. (orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. 244p.

Em **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**, organizado pelos(as) pesquisadores(as) e professores(as) José Ribamar Lopes Batista Jr (UFPI), Denise Tamaê Borges Sato (CPMG NN) e Iran Ferreira de Melo (UFRPE), lançado em 2018 pela Parábola, são apresentadas contribuições teórico-metodológicas aos estudos de Análise de Discurso Crítica (ADC) no contexto brasileiro. A ADC se caracteriza por ser um campo inter e transdisciplinar recente que se consolidou apenas na década de 90, trazendo algumas abordagens e perspectivas, a exemplo da linguística sistêmico-funcional (LSF), análise de discurso multimodal, análise de narrativa, análise de discurso mediada, análise da conversação, apenas para citar alguns, cujo objetivo se pauta em “oferecer à ciência social um olhar sobre o papel da linguagem e, simultaneamente, contribuir para a análise linguística com um parâmetro da análise social” (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018: 13).

Dessa forma, a ADC pode ser compreendida **como o estudo da linguagem em uso** (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018), constituindo-se a “linguagem como uma forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 1989: 20). Ademais, as perspectivas introdutórias feitas pelos(as) organizadores(as) nesta obra faz com que os(as) leitores(as) entendam que a ADC busca se “ocupar de investigar a linguagem em uso, situando-a em um contexto específico, bem como os resultados dessas ações e dos discursos que sustentam e moldam as práticas” (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018: 8).

Os(as) organizadores(as) de **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas** aduzem que a ADC, por investigar os significados construídos durante a ação e/ou atitude por meio da linguagem em contextos específicos, assumiu, sob a ótica faircloughiana, uma base transdisciplinar em interlocução com as ciências sociais com o intuito de “aprofundar o estudo do papel da linguagem nas articulações das práticas sociais, principalmente, no contexto atual da mundialização da comunicação e do comércio, conhecido como globalização” (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018: 12).

A obra foi dividida em duas partes: *Teoria* com os cinco primeiros capítulos: **Cap. 1 - Histórico da análise de discurso crítica; Cap. 2 - Bases filosóficas da análise de discurso crítica; Cap. 3 - Conceitos-chave em análise de discurso crítica; Cap. 4 - Discurso e prática social; e o Cap. 5 - Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica.** E a outra parte, denominada de **Método** com os quatro últimos: **Cap. 6 - Categorias de análise; Cap. 7 - Análise de**

discurso da mídia; Cap. 8 - Análise de discurso das práticas: etnografia; e o Cap. 9 - Por uma análise de discurso crítica consistente.

Na primeira parte do livro, os(as) autores(as) apresentam, de modo elucidativo, diálogos e intersecções epistemológicas que colocam a linguagem como ferramenta social, contribuindo para a análise linguística, a partir da análise social. Dessa forma, esses(as) analistas do discurso procuram explicitar as bases teóricas da ADC, discutindo seu histórico, seus alicerces filosóficos e seus conceitos-chave em relação aos estudos no discurso e nas práticas sociais em detrimento da teoria social do discurso, bem como sua evolução ao longo dos anos essenciais ao desenvolvimento da prática de pesquisa social crítica. Assim, compreende-se que a ADC não se presta tão somente da articulação entre palavras, das escolhas estruturas lexicais carregadas de ideologia usadas pelos preconceitos, dominação ou relações de poder; tampouco da construção gramatical de que os textos venham a revestir os discursos (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018).

No primeiro capítulo, “Histórico da análise de discurso crítica”, Iran Ferreira de Melo menciona inicialmente dois vetores fundamentais ao trabalho intelectual dentro dos estudos críticos do discurso: (1): “aprofundar os conhecimentos sobre determinado objeto e estudo [...]”, e (2) “ampliar as possibilidades de o sujeito-pesquisador interagir com os traços socioculturais e políticos que contextualizam e constituem o objeto de estudo [...]” (MELO, 2018: 21). Nesse sentido, o autor apresenta um grupo de teorias que possibilita pensar sobre uma entonação, pronome, manchete de jornal, um elemento lexical, cor, metáforas etc., aliada a um conjunto de recursos semióticos do discurso que se relacionam no cerne das práticas sociais na atualidade.

Adiante, o autor deste capítulo enfatiza a relevância de compreender o termo “crítica” na ADC, para ele, seguindo as ideias de Wodak (2005)¹, a *criticidade* nas investigações dessa área vai além das questões meramente teóricas e/ou acadêmicas, mas também abrangem problemas sociais, tendo em vista uma posição política contundente, buscando analisar os meios onde ocorrem esses problemas, quem os produzem e como combatê-los. Nesse capítulo, fica evidente que a relação dialética entre a linguagem e o funcionamento estrutural da sociedade, seguindo os padrões de uma ciência crítica, fez surgir, nas últimas décadas, um programa de pesquisas

¹ WODAK, R. The discourse-historical approach. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Eds.) *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, p. 63–94, 2005a.

com foco na análise linguística, contribuindo no estudo das relações de poder (WODAK, 2005; VAN DIJK, 2008²). Por fim, em uma perspectiva da história da ADC, Melo (2018) ressalta que esta vertente surgiu como forma de investigação na análise da linguagem na tentativa de estudar os problemas sociais.

Sob o título “Bases filosóficas da análise de discurso crítica”, o segundo capítulo, cuja autora é Solange Maria de Barros, faz o panorama dos fundamentos filosóficos que contribuíram para a ADC, sustentando-a pela influência do marxismo ocidental, bem como as teorias de Bakhtin, Foucault, dos estudos de Halliday com a LSF e, de forma mais atual, com os estudos de discurso crítico de Bhaskar. Barros (2018) defende que os estudos da ADC requereram um embasamento em teorias, a fim de contribuir nos questionamentos sobre a própria vida, por meio do viés político e moral, objetivando o combate às desigualdades e às injustiças na sociedade, mas que estejam interligadas pela teoria social crítica e outras bases filosóficas que hoje têm impulsionado também as análises linguísticas no contexto das “mudanças nas relações sociais de poder e dominação” (BARROS, 2018: 47).

Dando continuidade a tal raciocínio, Barros (2018) explica as bases filosóficas da ADC, salientando que a teoria crítica se ancorou nos trabalhos de Habermas (1984), devido ao seu aspecto **comunicativo** e **intersubjetividade**. Neste capítulo, a autora acentua que contrapondo-se a Habermas, Nikolas Kompridis declara que ele prejudicou “as aspirações concernentes às mudanças sociais do capitalismo moderno” (BARROS, 2018: 38). Mais adiante, Barros (2018) busca caracterizar o marxismo ocidental através da “autorreflexão dos conceitos da história, de tomada de consciência de classe, de arte, cultura, literatura, considerados como categorias e instrumentos fundamentais para pensar as transformações da sociedade industrializada” (BARROS, 2018: 38).

Além disso, pode-se aludir que o pensamento bakhtiniano influenciou os estudos de análise de discursos críticos, ou melhor, a abordagem **dialético-relacional** (DR) de Fairclough (2009)³, sobretudo por Bakhtin ser precursor dos estudos filosóficos da linguagem e da ideologia, apoiadas no pensamento de Marx. Ademais, Barros (2018) se posiciona também acerca das contribuições do trabalho

² VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. Trad. J. Hoffnagel. São Paulo: Contexto. 2008.

³ Para maiores informações, Ver: FAIRCLOUGH, N. A Dialectical-Relational Approach to Critical Discourse Analysis in Social Research. In: WODAK, R.; MEYER, M., *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2009, p. 162-186. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285130079_A_dialectical-relational_approach_to_critical_discourse_analysis_in_social_research. Acesso em: 24 jan. 2019.

de Foucault aos estudos do discurso, por ser importante para a teoria social no tratamento dos temas que envolvam “discurso, poder e o funcionamento do discurso na mudança social” (BARROS, 2018: 40).

Em outras palavras, a autora diz que Foucault tem seu método arqueológico focado na análise das gêneses e transformações dos saberes na área das ciências humanas, assinalando que o discurso assume implicação constitutiva da realidade. Enfim, em relação às bases linguísticas da ADC, Barros (2018) assegura que é expressivo para o(a) analista de discurso se utilizar da LSF, visando investigar muito mais a linguagem sob a ótica micro e macrosocial, porque dela pode-se expandir a visão do(a) pesquisador(a) sobre determinado objeto de pesquisa.

O terceiro capítulo, “Conceitos-chave em análise de discurso crítica”, de Josenia Antunes Vieira e Denise Silva Macedo, apresenta-nos indagações necessárias ao estudo da ADC, a partir da explanação teórico-metodológica dos conceitos-chave que caracterizam esta área de estudo como “um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (VIEIRA; MACEDO, 2018: 49).

Na primeira indagação feita pelas autoras sobre, expressa no próprio título **O que é análise de discurso crítica?**, elas expõem que a ADC tanto é teórica quanto é método, porque visa mapear as conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder, trazendo reflexões teóricas e instrumentos para análise de textos a partir da perspectiva de estudo adotado(a) pelos(as) principais pesquisadores(as) da ADC, entre os quais: Norman Fairclough; Gunther Kress; Ruth Wodak; Teun van Dijk; Emília Ribeiro Pedro; Teresa Carbó; Theo van Leeuwen.

Ao longo deste capítulo, as autoras buscam responder a outras questões-chave: **Qual a origem da ADC; O que é discurso; O que é poder e ideologia**, entre outras. Essas indagações ao longo do texto são basilares para se entender a ADC no seu caráter transdisciplinar, uma vez que esse aspecto é proveniente de sua própria origem, de sua concepção de discurso, de seu caráter crítico, de sua dialética como também de suas possibilidades metodológicas (VIEIRA; MACEDO, 2018). Por fim, elas defendem que em ADC “[...] o sujeito na condição de ator social atuante ou ator ideológico necessariamente age, no sentido de transformar, resistir, contrapor e desnaturalizar práticas sociais (VIEIRA; MACEDO, 2018). Contudo, a ADC se preocupa com a continuidade das ordens do discurso com as quais as mudanças

incidem sobre o sujeito/ator social ideológico e sobre a produção, recepção e consumo de textos diversos.

No quarto capítulo, “Discurso e prática social”, de Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, há uma explicação sobre os principais enfoques teóricos que fundamentam a relação entre discurso e prática social no viés crítico-discursivo de Fairclough (2003, 2010) e de Chouliaraki e Fairclough (1999). Além de o autor articular ponderações acerca do **modelo tridimensional de discurso** faircloughiano, Gonçalves-Segundo busca entendê-lo a partir das dimensões do **texto, prática discursiva e prática social**, procurando refletir sobre a dinâmica das relações entre **agentes, estruturas, práticas, textos e eventos** na concepção da teoria social do discurso de Fairclough e de outros autores(as) que trabalham nessa perspectiva da ADC.

Gonçalves-Segundo (2018) defende que o discurso se encontra sempre *encaixotado* em uma prática social que pode possibilitar uma estruturação dos nossos *dizeres e ações*, sobretudo, o de analisar discursos criticamente. Vale destacar que em uma concepção crítico-discursiva a atividade de **manifestação** ou **instanciação** se refere à materialização do texto. Logo, “[t]al materialização envolve escolhas decorrentes da relativa liberdade do agente quanto coerções advindas da estruturação das práticas” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018: 80). Por fim, neste capítulo, é notório que o autor considera que o ator social sempre se engaja em uma atividade reflexiva dinâmica em razão de sua ação, ou seja, todos nós ativamos uma *teoria* que orienta material e semioticamente tanto em nossa prática discursiva, quanto em nossa prática social a partir de conhecimentos estruturados que moldam nossas expectativas, padrões de comportamento e vida em sociedade.

Para fechar a parte da obra destinada aos capítulos que discutem aspectos teóricos da ADC e seus desdobramentos, Luciane Cristina Eneas Lira e Regysane Botelho Cutrim Alves nos presenteiam com o capítulo cinco, “Teoria social do discurso e a evolução da análise do discurso crítica”, no qual trazem a discussão sobre a necessidade de se desenvolver ainda mais as pesquisas sociais e os estudos linguísticos a partir da teoria social do discurso, tendo em vista as inúmeras mudanças sociais nas práticas discursivas contemporâneas.

Compreende-se que a questão transdisciplinar da ADC precisa ser discutida vigorosamente, já que a atuação do(a) analista do discurso crítico reflete as operações que vão além de conceitos e categorias diversos para análise, fundamentadas em

aportes teóricos ou disciplinares, pois o caráter transdisciplinar da ADC resulta da conjugação de um arcabouço teórico-metodológico produzido com base em inúmeros olhares e contextos de investigação, implicado por interesses peculiares e cientificamente determinados. Cabe, portanto, aos analistas “captar a 'invisibilidade' das ordens do discurso [...], as coerções acionais, representacionais e identitárias que orientam a prática discursiva como um todo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018: 95).

Em suma, Lira e Alves (2018) enfatizam a importância de compreender não apenas a prática social como processo ligado às estruturas sociais, práticas e eventos, mas também diferenciando-as epistemologicamente no sentido de que o “discurso é uma prática social”, sendo que a linguagem pressupõe o entendimento de que seu uso seja “um modo de ação historicamente situado e socialmente constituído” (LIRA; ALVES, 2018: 108). Além do mais, as autoras trazem ao debate conceitos-chave essenciais na teoria social do discurso para a compreensão do que seja prática discursiva que contribui tanto para reproduzir a sociedade como também para analisar as identidades e relações sociais etc., permitindo a transformação da sociedade. Já em relação às práticas sociais, as autoras concluem que estas consideram as noções da ideologia e hegemonia, sendo que as práticas sociais contemplam várias dimensões, tais como orientação econômica, política, cultural e ideológica, às quais o discurso pode estar relacionado (LIRA; ALVES, 2018).

Este capítulo traz, portanto, robustas contribuições sobre as questões ligadas **à mudança discursiva**, bem como discute a característica interdisciplinar da ADC, a partir da **linguística crítica, do realismo crítico, da linguística sistêmico-funcional hallidayana, entre outros. Enfim, essa integração de áreas, conhecimentos, teorias e métodos incide** na investigação das questões discursivas que se localizam em uma parte da vida social, na perspectiva crítico-discursiva da ADC e da pesquisa etnográfica, porque “a vivência da etnografia” tem requerido “do(a) pesquisador(a) uma presença sistemática e prolongada no contexto investigado” (LIRA; ALVES, 2018: 117).

Caminhando para uma leitura crítica sobre o **método** em ADC, avaliam-se agora os quatros últimos capítulos que visam oferecer subsídios metodológicos de aplicação de **categorias de análise** crítico-discursiva, a fim de nos ajudar na realização da pesquisa social. Desta feita, o capítulo seis “Categorias de análise”, de Décio Bessa e Denise Tamaê Borges Sato, nos conduz à compreensão de que a ADC é um instrumento de investigação produtiva quando aplicada a estudos que busquem

desvelar as mudanças sociais oriundas do novo capitalismo, do processo de globalização comercial e tecnológico.

É importante salientar que os(as) autores(as) entendem que estudar o fenômeno da globalização, por meio de gêneros textuais, discursos e estilos, é crucial para se desvelar sob a ótica dos aspectos semióticos e linguísticos, nuances da hegemonia, ideologias e relações de poder na sociedade contemporânea. Ou seja, “[a] proposta de Fairclough é realizar uma análise consistente em termos de sustentação argumentativa, com evidências em análise de práticas, e construir um novo sentido para as ideologias naturalizadas, dessa forma desvelando as manifestações de poder” (BESSA; SATO; 2018: 126).

Discutindo às categorias de análise em ADC, Bessa e Sato (2018) nos oferece um substancial percurso para analisar elementos concernentes às práticas sociais que são relacionais e dialéticas e, para isso, se concentram em esclarecer e orientar a aplicação da **abordagem dialético-relacional** (ADR), de Chouliaraki e Fairclough (1999) e de Fairclough (2003). Bessa e Sato (2018) concebem que essa abordagem em ADC antecipa a (in)dissociabilidade entre a linguagem e a sociedade como constructo teórico e da realidade em direção aos textos e práticas sociais (gêneros, discurso e estilo) e processos de mudança devido à globalização.

Os(as) autores(as) reforçam que as descrições, análises, interpretações e explicações devem ser realizadas, a partir das materialidades linguísticas de que se constituem os textos e fundamentadas em estudos históricos, sociais, linguísticos que envolvam determinados objetos de pesquisa (BESSA; SATO, 2018). Enfim, os(as) pesquisadores(as) apontam exemplos de aplicação e análises de algumas categorias discutidas tais como: gêneros discursivos, intertextualidade, interdiscursividade, significação de palavras (itens lexicais), representação de atores sociais, salientando ainda a necessidade de se estudar e aplicar os enquadres teórico-metodológicos da ADC, a partir de outras categorias com outras áreas e disciplinas.

Em outro capítulo, “Análise de discurso da mídia”, de André Ricardo Nunes Martins, deparamo-nos com a aplicação da ADC como ferramenta prática de estudo do discurso da mídia, uma vez que materiais produzidos para os meios de comunicação de massa (rádio, jornal, revistas televisão, internet, entre outros) servem de *corpora* para muitas pesquisas com objetos diferentes de estudo. Nesse sentido, Martins (2018) defende que as mídias têm funções cruciais na modernidade tardia, porque estas são de interesse de grupos que lutam por poder político,

econômico, social etc. Logo, essas sociedades tornaram-se *mídiacêntricas*, pautadas na construção do consenso sociopolítico e democrático via uso de mídias, contribuindo para o empoderamento daqueles(as) que precisam lutar por uma melhor distribuição de poder e acesso a outros recursos midiáticos.

Discutindo sobre a mídia e a modernidade tardia (pós-modernidade para alguns), Martins (2018) acrescenta que a conjuntura atual resulta em mudanças na maneira de pensar, nos padrões culturais do mundo ocidental. O autor salienta que as mídias têm interagido diretamente “para a produção do consenso social”, porque na ADC, o discurso ganhou função relevante em lugares onde prevalecia apenas a força do capital financeiro e bélico. Dessa forma, Fairclough (1995) acentua que a linguagem contemporânea utilizada na mídia se movimenta em direção a dois pares de tensão. A primeira se refere à tensão entre informação e entretenimento e o outro par se centra na tensão entre o público e o privado (MARTINS, 2018: 162).

Percebe-se ainda neste capítulo que nesse cenário de disputas por poder como ocorre nas redes sociais, fazendo-nos compreender um novo contexto de produção de sentidos que vão além da informação e seus desdobramentos midiáticos, dos dados e da interpretação e entretenimento vinculados à mídia, da imagem e prestígio social que são elaborados e reelaborados, impactando no processo sociopolítico (MARTINS, 2018). Para isso, o(a) pesquisador(a) necessita, finalmente, percorrer o seguinte caminho científico, abarcando: um tema a investigar; que material trabalhar (*corpus*); uma abordagem inicial (um pré-projeto); marcas linguísticas e discursivas (ou materialidades da pesquisa); um tempo definido; e interpretação e análise (MARTINS, 2018: 167-170).

Em relação à discussão sobre categorias de análise em ADC, é preciso destacar a importância da etnografia para análise social. Por isso, o capítulo “Análise de discurso das práticas: etnografia”, de Denise Tomãe Borges Sato e José Ribamar Lopes Batista Jr, traz substanciosos encaminhamentos sobre atividades de campo, por exemplo. Além de fomentar a atuação adequada do(a) etnógrafo(a) na seara da investigação de textos, considerando as categorias (gêneros, discurso e estilo) fundamentais na conjugação de uma **Análise de Discurso Textualmente Orientada** (ADTO) que possibilite estudar “a instância discursiva das práticas sociais” (SATO; BATISTA JR, 2018: 189).

Os(as) autores(as) apresentam reflexões consistentes sobre a utilidade da etnografia para entender a sociedade, visando analisar os interdiscursos, que são a

manifestação de variados discursos acerca de um determinado tema (SATO; BATISTA JR, 2018). Cabe salientar que Batista Jr e Sato (2018: 190), fazem uma distinção entre **etnografia tradicional** e **etnografia crítica**. A primeira “busca compreender as sociedades ou parte delas”, já a segunda “advoga a favor das camadas oprimidas e lança luz sobre o *modus operandi* do poder, permitindo a reflexividade e também a mudança”. Por fim, os(as) autores(as) analisam que as pesquisas em etnografia crítica asseguram um engajamento na crítica social ou cultural e não raramente examinam as relações entre política e sociedade, bem como economia e opressão, alçando argumentos que submergem debates e conflitos (SCHWANDT, 1997)⁴, almejando colaborar para a solução dessas desordens ou transformação da realidade social (SATO; BATISTA JR, 2018: 190-191).

Para encerrar a segunda parte da obra, o capítulo nove “Por uma análise de discurso crítica consistente”, de Solange de Carvalho Lustosa, elucida também algumas categorias de análise a serem aplicadas na ADC, a fim de ajudar o objeto a ser analisado em consonância com sua relação com o mundo contemporâneo. Para isso, a autora propõe a seguinte indagação metodológica: **estou aplicando corretamente a categoria ou conceito?** Isso é necessário, porque segundo a autora, existem ainda trabalhos na ADC que fazem meras generalizações conceituais, por exemplo, sobre a **tecnologização discursiva, comodificação** etc.

Na visão de Lustosa (2018), a ADC necessita promover a interdisciplinaridade, a mestiçagem e a transdisciplinaridade entre os conhecimentos, além de se despontar de forma dinâmica justamente na ação de operar esses aspectos. Lustosa retomando a questão da **tecnologização discursiva** percebe que ela pode ou não usar recursos da tecnologia da informação. A autora ainda sugere que os(as) analistas iniciantes procurem por orientação especializada para desenvolver uma pesquisa colaborativa, participando ainda ativamente de eventos acadêmico-científicos para exercitar e melhorar a escolha e tratamento das categorias de análise nas pesquisas em ADC de maneira consistente e adequada.

Apesar de ser um capítulo breve, Lustosa (2018), de tal modo, apresenta didaticamente a importância da obra “Discurso e mudança social” de Fairclough (2001), bem como do **modelo tridimensional** faircloughiano, que inclui a análise social em vinculação com o texto e com a prática discursiva (LUSTOSA, 2018: 208). Ademais, a autora se preocupa também em discutir a análise de textos multimodais,

⁴ SCHWANDT, T. A. *Qualitative inquiry: a dictionary of terms*. Thousand Oaks: Sage, 1997.

sobretudo nas redes sociais, mas alerta que a pesquisa em ADC não deve se prender apenas a elementos linguísticos. É preciso, dessa forma, evidenciar e categorizar as escolhas ideológicas, políticas em relação à produção, circulação e consumo de imagens, por exemplo.

Lustosa (2018) reafirma, em suma, o poder do(a) etnógrafo(a) dentro das pesquisas com multimodalidade, gêneros discursivos, textos imagéticos, leitura e produção textual, por exemplo, no sentido de se ter maior compreensão do processo de definição e tratamento de dados, evitando a geração de **dados falhos**, além de esclarecer com explanação de outras pesquisas, destacando a importância do papel do(a) analista do discurso crítico na seleção e análise adequada de um **corpus** para uma pesquisa em ADC que conjecture não apenas avaliar os elementos linguísticos, mas sim, paute-se em uma análise social e em categorias de análise apropriadas ao delineamento de uma pesquisa de caráter transdisciplinar e crítico-discursiva.

Não se pode negar a relevância deste livro para as pesquisas em ADC no Brasil, porque serve como bússola aos **linguistas** e **não linguistas**, ajudando-os na aprendizagem e no aprofundamento dos conceitos-chave da ADC, bem como na aplicação das categorias de análise em discursos e textos materializados nas práticas sociais em contextos situados. Nesse sentido, a obra ora resenhada busca preencher algumas lacunas quanto à compreensão dos conceitos-chave da ADC, de forma acessível aos leitores(as) da área da linguística/letras, bem como de outros campos: comunicação, tecnologias, educação, antropologia, sociologia etc.

Finalmente, este livro procura, de fato, trazer um aprofundamento em relação à teoria, ao método e à aplicação da ADC com mais informações e perspectivas de análise e aplicação de outras categorias tanto em mídias e textos multimodais, quanto em práticas sob a perspectiva de uma etnografia, sobretudo crítica, no intuito de “[f]ortalecer os(as) participantes é um dos resultados da pesquisa social crítica e da ADC” (MAGALHÃES, 2005)⁵, ou seja, uma *etnografia crítica* propõe colocar os fenômenos pesquisados em seus contextos sócio-históricos mais abrangentes, procurando determinar fatores, ideologias, discursos e aparelhos de dominação, para o empoderamento dos grupos em (des)vantagem social (BATISTA JR; SATO, 2018: 190).

⁵ MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. *DELTA* [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp.1-9. ISSN 0102-4450. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>. Acesso em: 10 jan. 2019.